

CONSTRUÇÃO ESTÉTICA E INFÂNCIA NA LITERATURA DE MAYRANT GALLO

Livia Eduarda Oliveira de Araújo^{1*}, Maria das Graças Meirelles Correia²

1. Estudante de Eletromecânica do Instituto Federal da Bahia – Campus Santo Amaro

2. Docente EBTT do Instituto Federal da Bahia – Campus Santo Amaro / Orientadora

Resumo:

A infância, como fase da vida humana, tem sido discutida sob vários enfoques. Muito além de ser apenas um período definido biologicamente como início da vida, é construção cultural, social e histórica, que se constitui por intermédio de diferentes representações. Assim, para discutir a representação literária da infância na produção infanto-juvenil, o presente trabalho, privilegiando o livro Dias de Garoto (2015), analisa a construção sógnica do escritor baiano Mayrant Gallo, que desconstrói a mitificação do referido período como fase doce e feliz da vida. Deste modo, pretende-se sinalizar as opções do autor em, por meio de recursos narrativos, não focalizar a infância de modo idílico e romântico, mas, ao invés, apontar-lhes perdas e ausências, dificuldades e decepções, construindo um abismo, por vezes, nas possíveis recordações do leitor. O livro analisado integra a coleção Pato, Cachorro, Garoto e Minhoca. Porém foi publicado em versão anterior, em 2011, na coletânea *Três Infâncias* (Casarão do Verbo, 2011).

Palavras-chave: Representação Literária; Literatura Infanto-Juvenil; Mayrant Gallo.

Apoio financeiro: Pró-reitoria de pesquisa, pós-graduação e inovação – PRPGI e coordenação de pesquisa do IFBA campus Santo Amaro.

Introdução:

Segundo Philippe Ariès (1973), a infância, como percebida hoje, resulta inexistente antes do século XVI. A fase pueril resumia-se ao curto período em que os indivíduos dependiam fisicamente dos adultos; passada a etapa entre 0 e 5 anos, o infante incorporava-se plenamente ao mundo dos adultos. (LEVIN, 1997)

Apenas no século XVII, entre as famílias mais abastadas, se consolidam as primícias da concepção de infância: o adulto preocupa-se gradativamente com o infante, enquanto ser dependente e fraco. Tal fato ligou este período à ideia de proteção e amparo.

Uma vez a infância concebida como etapa diferenciada do resto da vida, a sociedade começa a gestá-la tanto do ponto de vista sociopolítico quanto econômico. Desta maneira, a concepção de criança como ser diferenciado passa a influenciar a produção de bens e serviços especializados. Nesse cenário, surgem livros infanto-juvenis escritos ao final do século XVII, por docentes e pedagogos. Antes disto, assim como a noção de infância, a produção literária para este público era inexistente.

De acordo com Regina Zilberman (1981), a literatura infanto-juvenil aparece como produto cultural oriundo da ascensão da camada burguesa e a formação de um novo ideário de família, quando, a partir do século XVII, dissemina-se um novo status social de infância. Nesta conjuntura, é atribuída à literatura infanto-juvenil uma tarefa educativa, complementar à atividade pedagógica exercida no lar e/ou na escola. Assim, ao adulto escritor cabe exprimir os próprios valores inculcando no infante o modelo mais aceito socialmente: a concepção do mundo burguês, pautado em valores cristãos, nacionalistas e familiares.

Neste sentido, o *trabalho Construção Estética e Infância na Literatura de Mayrant Gallo* propõe-se a verificar o modo como é construído o discurso narrativo na elaboração da representação da infância, no livro **Dias de Garoto** (GALLO, 2015) do autor baiano, e apresentado no texto direcionado ao público infanto-juvenil.

Metodologia:

O presente trabalho integra-se às atividades de pesquisa do projeto Oxe: literatura baiana contemporânea, que atua no Instituto Federal da Bahia – Campus Santo Amaro desde 2014. Este projeto promove a leitura literária, estudo e divulgação de autores baianos com escassa visibilidade nas letras nacionais como prática de fruição estética e integração social, privilegiando a produção literária da Bahia compreendida nos finais da década de 70 do século XX aos dias atuais, abarcando autores que selecionaram o estado como local de moradia e nicho de produção criativa. No decorrer do trabalho, vários métodos foram utilizados conforme as etapas e encaminhamentos das ações. Círculos e oficinas de leitura viabilizados pelo projeto permitiram o contato com o texto analisado e com o autor, que participou de atividades desenvolvidas no instituto e concedeu entrevista sobre aspectos biográficos e sua produção literária. Após a realização de leituras da obra, definiu-se um eixo temático para embasar a análise. Assim, empreenderam-se estudos e discussões do referencial teórico acerca da constituição sociohistórica da infância e do conceito de literatura infanto-juvenil correlacionando os temas propostos. E, por fim, realizou-se a análise do livro, em diálogo com o levantamento bibliográfico, para a produção e revisão do presente trabalho.

Resultados e Discussão:

As principais discussões advindas da pesquisa foram propostas por meio da análise do livro citado, **Dias de Garoto** (GALLO, 2015). Assim, apresenta-se aqui elementos destacados nestas discussões.

Mayrant Gallo

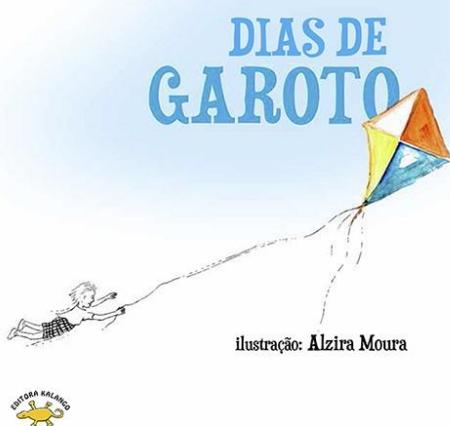


Imagem: Capa do livro Dias de Garoto.

O protagonista da narrativa é criança e o enredo permeia o cotidiano do garoto, cujo

nome próprio não é apresentado ao leitor. Ao iniciar o texto com a expressão “Era uma vez”, ao leitor é sugerida a ideia de texto fantasioso, distanciado da realidade factual. Todavia, a expressão parece soar irônica, já que a narrativa não se trata de um conto de fadas. O narrador é configurado em terceira pessoa e o texto se edifica a partir do olhar do personagem principal sobre a própria realidade. Este olhar é revelado ao leitor pela voz narrativa, a partir da observação das reações do garoto defronte à janela, dado que o espaço da obra é restrito ao ambiente doméstico. Esta reflexão fica patente ao longo das cenas: o narrador evidencia a imobilidade do garoto frente a atividades rotineiras para crianças, como correr, soltar pipa, rodar pião, jogar bola. Tal fato – somado à inexistência de elementos descritivos que evidenciem características físicas do protagonista – sugere ao leitor possibilidades de refletir acerca da condição ergonômica do personagem, despertando-lhe a curiosidade sobre os motivos pelos quais o personagem não acessa ao espaço exterior da casa e não convive com outras crianças.

O narrador descreve a família do protagonista como uni nuclear, cujos membros são o pai, a mãe, a irmã, o irmão e os avós. Os pais e os irmãos já estão inseridos no mundo do trabalho, sendo o cuidado com a criança responsabilidade de Dália, a babá. Precocemente, o infante é exposto a este mundo no momento em que se depara, todos os dias, com o cansaço da família e das pessoas que passam na rua no retorno das atividades laborativas. A disposição destas cenas coloca em relevo a dissolubilidade entre o espaço social da criança e do adulto.

[...] olhava as pessoas que passavam. / Para o trabalho, e depois de volta – mortas de cansaço. / Seu pai era uma dessas. E sua mãe. / E seu irmão mais velho. E sua irmã também. / Ainda havia Dália, que chegava de manhã. E ia embora com as cores da noite. (GALLO, 2015, p.5)

Além de acompanhar o mundo do trabalho no espaço público, o garoto acompanha também a rotina de Dália. Esse convívio permite-lhe perceber a passagem de tempo pelo corpo da empregada, que se faz presente em vários trechos do livro, tornando-se imprescindível à sobrevivência do garoto.

E Dália vinha trazer-lhe o leite. / E Dália vinha obrigá-lo a tomar o remédio. / E Dália vinha arrastá-lo pro banho. / [...] Dália mais velha. / Muito mais velha. /

Dália acordada. / Dália curvada. / Dália cega. (GALLO, 2015, p.19)

A família apresentada pelo narrador-observador esfacela-se: pouco a pouco, ao leitor é revelado o distanciamento dos irmãos, a morte dos avós, a separação dos pais. Por meio de metáforas, o narrador revela ausências e perdas do protagonista, elucidando que a representação da infância construída socialmente se distancia da proposta literária apresentada:

Chegou uma caminhonete com as cores do arco-íris / E abduziu sua irmã. [...] E um dia nunca mais o carro de seus avós / Dobrou a esquina. [...] Papai, mamãe. E um silêncio que nunca houve. / Papai, mamãe. E discussões na noite. / Papai um dia. Mamãe outro. / Até que nunca mais papai. (GALLO, 2015, p.20)

Além dos trechos apontados e analisados neste trabalho, demais trechos do livro sinalizam rupturas com a mitificação da infância costumeiramente encenada pela literatura infanto-juvenil. Verifica-se, assim, o distanciamento da escrita de Mayrant Gallo com a origem do gênero literário, comprometido com o ensino e a diversão. A experiência do infante e, em sua maioria, os fracassos sofridos em contato com os adultos, com a família e com o mundo de um modo geral, são explorados pelo escritor. Desta maneira, a leitura do texto pode despertar no leitor uma sensação de desconforto ao fazê-lo se defrontar com uma representação de infância distanciada daquela normalmente edificada e aceita pelo senso comum, no que tange aos parâmetros éticos e morais ligados ao conceito burguês de infância.

Conclusões:

A representação literária da infância na narrativa infanto-juvenil de Mayrant Gallo, apresentada como cerne do trabalho, foi evidenciada na medida que se analisou a construção estética do livro. Ao garoto, protagonista da obra, é imposto, de modo gradativo, situações em que permanece privado de desfrutar sua primeira infância. Com o transcurso de tempo, no decorrer da narrativa, ao atingir a idade adulta, (possivelmente) devido a uma grave deficiência física, torna-se infantilizado perante a sociedade. Assim, resta ao personagem principal o permanente sentimento de esperança diante de transformações em sua realidade, desejando que “tudo fosse diferente, que algo acontecesse, com ele ou com o mundo”. Neste cenário, pode-se dizer que o

livro analisado apresenta uma proposta emancipadora ao gênero pelo fato de romper com os padrões da literatura infanto-juvenil, reconhecida nos seus primórdios, pela finalidade pedagógica e recreativa, vinculada ao livro didático, como fonte estimuladora da imaginação. Este caráter primordial da literatura infanto-juvenil ainda é vigente em textos da atualidade, cujos princípios de ensinar e divertir se estabelecem na ideia de “Ensinar divertindo, através da manipulação das letras” (Zilberman; Magalhães, 1987). A narrativa, ainda, transgride o conceito sócio histórico da infância, estruturado desde o século XVII a partir da ideia de proteção, amparo e dependência, visto que a representação literária construída pelo autor se difere dos conceitos gestados socialmente.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981

GALLO, Mayrant. *Dias de Garoto*. Coletânea Pato, Cachorro, Garoto e Minhoca. Bahia: Kalango, 2015

NASCIMENTO Cláudia Terra do; BRANCHER Vantoir Roberto; OLIVEIRA Valeska Fortes de. *A Construção Social do Conceito de Infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica*. p. 1-15. In: Revista LINHAS. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04 - 18, jan. / jun. 2008.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2ªed. São Paulo: ática, 1984.